

**"As secreções das palavras na poesia do mito"**

*"dado que não mais penso  
da "realidade"  
como realidade,  
teria eu alguma razão  
de pensar do sonho como sonho?"*

*(...) esperados, aguardados  
os hóspedes nunca vieram  
à minha cabana na montanha -  
a já agora com genial solidão  
sem a qual viver odiaria"*

*Saigyô*

*(Japão, sec. XII,*

*"Poemas da cabana montanhesa")*

Uma concepção ancestral entre os iorubá nos diz dos segredos que se escondem no corpo. Gayatri nos avisaria que seria bom deixá-los descansar em silêncio. Para quê acordar um tigre? Mas, a personagem apaixonante de Mircea Eliade em seu romance "Noites de Bengali" (quase autobiográfico), também não resiste em manter o tigre adormecido. Sua "alma tigrada" (expressão de Durand), mestiça, acorda com os arrepios da pele - epígrafe do texto corporal - quando tocada pelos dedos do desejo. Dedos do ocidental professor de francês.

Eros que se reveste da libido para nos animar com o impulso da vida. Aqui, quando os segredos líquidos escapam do corpo, transbordam e inundam nosso sensível... são as mãos pequenas de um cupido ou as flechas do grandalhão Kamal (na paisagem hindustani) que nos arrebataam com as explosões da descoberta de um mundo outro: mundo revelado no exterior e nutrido pela re-

descoberta do mundo interior. Ainda permanecemos nos mares de uma velha gnose.

Que sentido teria o conhecimento, se não conhecimento de si mesmo mediado pelo Outro? Ainda que sob os riscos de um Ulisses soberbo de sua astúcia a Penélope tecelã. Empreendemos ainda a mesma viagem, os mesmos riscos, as mesmas tentativas, a mesma saudade...

Ligão aprendida (ou quase) no vapor barato dos séculos... lembrando nosso grande poeta baiano, Wally Salomão: "*vou descendo por todas as ruas, e vou pegar aquele velho navio...*"

Todas as ruas aqui trafegam na mitohermenêutica saudável que vai descendo a desembocar no velho navio, vapor barato do mito, a nos auxiliar na jornada de nós mesmos nos mares possíveis da existência. Uma mitodologia, diria o mestre Gilbert Durand, que a desdobra em uma mitocrítica e uma mitanálise (ferramentas indispensáveis de uma mitohermenêutica lastreada na hermenêutica simbólica), todas "*em busca do mito*".

O amigo, Rogério de Almeida, nos fornece, num texto simples e "quase" didático, as complexas chaves de um "passo-a-passo" generoso para os estudantes de vida inteira que se aproximam às investigações do imaginário. Didático? talvez, não fosse sua concepção trágica de escrita e a poesia a pervagar-lhe os argumentos na excelente companhia do infante Fernando Pessoa...

Sim, somos, ao mesmo tempo, a princesa adormecida que, sob os ventos hermesianos da conciliação dos contrários, espera a nós mesmos para "*des-pertar*" com o beijo, quase-ósculo profano-sagrado da celebração-desejo de vida, na aceitação dela mesma, e portanto, tendo a morte por noiva e companheira... Quem

não lembraria o poema-panfleto de Edgar Allan Poe, "*Annabel Lee*", num reino ao pé-do-mar, sob o marulho do mar, velar minha amada e noiva, gelada pela morte imposta pelo ciúme dos anjos do céu e dos demônios do mar ao amor devotado, "*a pequena que eu soube amar*".

Neste mesmo reino ao pé-do-mar, rio oceano primordial, singra uma barca com o ritmo, o pulso, a cadência sob a música oceânica, possibilitado pela "*harmonia*", atadura de madeira que junta os cascos da barca. É pelas mãos serenas de um carpinteiro hábil e meticuloso, Guilherme Mirage Umeda, que temos o texto seguinte a nos envolver na sua "*música sonora*".

Novamente, o meu júbilo junto a estes autores, pensadores e poetas que aqui tento prefaciá-los. A alegria de ter sido cúmplice ao "*orientar*" Guilherme em sua tese de doutoramento, "*Educação na linguagem da Anima: diálogos ontológicos com a música*", de cujas investigações, reflexões e inquietações saem parte deste primoroso texto. Ele próprio em seus exercícios de carpintaria, na paixão comum que mantemos pela madeira e pelas árvores; mas também pianista, soube nos conduzir de maneira poética e rigorosa ao universo mítico da música e ao universo musical do mito. Muito bem acompanhado pelos pensadores que convoca para seu quarteto de câmara: Durand, Merleau-Ponty, Bachelard e Campbell, num exercício mitohermenêutico de desvelar e velar a *mousiké* que nos propicia, a partir do arrebatamento em intérprete ou ouvinte, a entrada em tempo/espaço outro. *Illud tempus*, diria o mestre Mircea Eliade. O tempo mitopoiético de avançar o caos. Inauguração.

Guilherme nos mostra (ou nos musicaliza?) como a insistência metodológica e "*fenomenotécnica*" de Bachelard, seguida por seu discípulo fiel, Gilbert Durand, é

importante: não ceder ao caráter estático da classificação das imagens pela sua forma; mas, em seu "estruturalismo figurativo", partir da *figuração*, para poder "configurar" e, numa fantástica transcendental, poder "transfigurar". Ou numa expressão mais simples - como nos indica também a corporeidade - devemos nos preocupar é com o movimento das imagens. Diria Cassirer, não nos preocuparmos nem tanto com sua forma, mas com sua força. Esta cinemática das imagens que nos permite melhor compreender a dinâmica da narrativa mítica. E Guilherme, participe de um *regime crepuscular*, região limítrofe dos entremeios, dos trânsitos e dos peregrinos, sob a conjugação contraditória entre sol e lua, noite e dia, ele mesmo afirma a divisa poética e investigativa: "*clareia sem iluminar, brilha sem ofuscar*". É o mesmo movimento que guarda em seu bojo cinestésico, a origem musical do mito muito antes de se gravar em palavras: o canto.

Tanto em sua acepção de estilo melódico como em sua acepção de rincão natal, lugar de origem. Entre a voz e a terra, o encontro recíproco e engendramento das destinações. O movimento que se transforma em ritmo, base pulsátil da vida, marulho oceânico a rebentar à beira-mar, sempre em espumas diferentes e sempre iguais, a oportunidade do encontro com as oceânides, as sirenas, as ondinas... ânimas para um ser das águas devotado à vertigem. Como nos lembra Bachelard, a dor das águas é uma dor infinita. Diz o próprio Guilherme: "*Os olhos prepararam uma lágrima que não cai. Estou entregue ao tempo da música*".

Mas, o trágico (como aceitação mesma da vida, em seu caráter mítico) é que se trata, precisamente, neste encontro possível e fortuito, sincronia imprevisível, a "ligação" pedagógica mais importante: a possibilidade de um encontro, na harmonia-presilha da nau no mar da

existência, entre intérprete e ouvinte, possível mestre e possível discípulo, pessoas.

Por isso, o mestre-carpinteiro, Guilherme nos sugere poeticamente: "*estação e encruzilhada são pura passagem, como também o é a música que me habita, mas que efêmera logo se esvai, hermesiana, deixando para trás não uma ideia, mas um sentido*".

O sentido de uma lágrima que não cai, entregue à música, nos aumenta o desejo de aprofundar as investigações que são coroadas de júbilo e de dor, no outro exemplo mitohermenêutico magnífico e pranteado das grandes amigas, Eunice Simões Lins Gomes e Leyla Thays Brito da Silva.

O prantear feminino no ritual fúnebre, apoiado no Pedro apócrifo, não apenas nos fornece elementos importantes para a compreensão do rico manancial do cristianismo ainda velado pelos catolicismos dogmáticos, como nos guia pelo universo líquido das lágrimas.

Resistência e amor devotado, o desejo de ungir o corpo do Amado no sepulcro que se revela vazio. E sorrindo, o Mestre pergunta "*Mulher, por que choras?*" ou ainda na *vulgata* mais conhecida: "*Por que procurais os vivos entre os mortos?*"

Complexa rede simbólica, colcha de retalhos míticos e fuxicos de pregnâncias simbólicas, as lágrimas estão entre estes segredos líquidos que se escondem no corpo e somente vêm à tona, a ser compartilhado com aqueles que se ama, no transbordamento dos sentimentos, êxtase místico, dor da saudade, desejo lancinante que galopa à beira-mar da consciência de incompletude.

Eunice e Leyla, sempre rigorosas e sensíveis, munidas das ferramentas teóricas de um rico manancial mitohermenêutico, nos pinta, quadro a quadro - ou para ser

mais rigoroso - nos borda, as cenas míticas de um processo profundo de renascimento.

Me lembra um desenho singelo e bellissimo de Mario de Andrade, na famosa *Missão de Pesquisas Folclóricas* (1938), hoje no acervo do IEB - Instituto de Estudos Brasileiros (USP); em que o mestre retrata duas carpideiras. O traço singelo (quase que em estilo japonês sumi-ê - poucos traços que contém o todo representado e sob o pincel que não admite retoques, num único golpe sobre o papel) do corpo das carpideiras é completamente isomórfico de duas lágrimas caindo...

O pranto é ele mesmo, sinônimo do corpo que se curva sobre o amado... fora das censuras do poder instituído (império romano ou globalização) poder ungir o corpo do mestre e cumprir com o funeral que lhe abre as portas do renascimento em nosso próprio caminhar e brilho do olhar.

Mas, a surpresa na pedra que já não bloqueia o sepulcro e o vazio a inquietar o coração que se devota, se insinua em desespero até que se reconhece o mestre. Ele já ressuscitou antes de ser regado pelas lágrimas do feminino. Útero ambulante, o mestre se fecunda e renasce.

A princesa mesma que dormia.

Ânima que, desvencilhada das amarras da racionalidade instrumental, de um academicismo estéril, das repetições estruturais de uma crítica escolar, emerge do velho mar a nos guiar a jornada. Companheira, amante e sábia... é a árvore de cuja sombra nos abrigamos para ouvir a palavra que secreta a poesia do mito.

*"Não procure seguir no encaixe  
dos homens da antiguidade;  
procure o que eles procuraram"*  
(Go-Toba, imperador japonês, sec. XII)

Prof. Dr. Marcos FERREIRA-SANTOS  
professor de mitologia, USP



O Curso de Graduação em Ciências das Religiões (CGCR) tem por objetivos:

1. Tratar o fenômeno religioso como área de estudo e pesquisa, deixando a fé para os esboços que lhe compete: o forolítico e o tempo.
2. Estudar o fenômeno religioso em suas formas contemporâneas e arcaicas, inseridas no âmbito da cultura e do pluralismo religiosos, com base nas interpretações formuladas pelas mitologias, teoria do imaginário e teorias da religião.
3. Abordar as diferentes práticas e discursos religiosos através das diversas teorias do conhecimento, para apreender as múltiplas dimensões da cultura: política, econômica e simbólica.
4. Examinar como as éticas religiosas, propaladas e praticadas, repercutem na vida social no mundo contemporâneo.

O Curso de Ciências das Religiões parte da premissa de que a ignorância é a mãe da intolerância.

O termo "ignorância" é aqui usado no sentido de desconhecimento. O desconhecido é fonte inesgotável de medo e de reações agressivas. A única maneira de enfrentar o desconhecido e o medo que ele provoca é conhecer.

Esta é a proposta do CGCR: Conhecer, estudar, pesquisar e compreender o fenômeno religioso e conhecendo, aprender a respeitar os diferentes credos religiosos.



COLEÇÃO CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

2011

## EM BUSCA DO MITO

A MITOCRÍTICA COMO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO DO IMAGINÁRIO



EUNICE SIMÕES LINS GOMES

(Org.)

EUNICE SIMÕES LINS GOMES (Org.)

EM BUSCA DO MITO

GEFEC

